

MARK HOLLINGSWORTH

MANIPULAÇÃO

O KGB e as Democracias Ocidentais

Tradução de
PEDRO SILVA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2023

CAPÍTULO 1

A ARTE DISSIMULADA DA GUERRA

A que baixeza não te sujeitas tu para
Extirpar a baixeza?
Se finalmente pudesses transformar o mundo, para que
Te julgarias tu bom demais?
Quem és tu?
Afunda-te na lama,
Abraça o carnicheiro, mas
Transforma o mundo: é preciso!*

A Decisão, de Bertolt Brecht

É meia-noite de 17 de março de 1999 e, no canal televisivo estatal russo RTR, o locutor com ar sério faz subitamente uma declaração surpreendente. A peça seguinte – intitulada «Três numa cama» – não é adequada para telespectadores com menos de dezoito anos. O vídeo de má qualidade a preto e branco mostra um homem de meia-idade a divertir-se na cama com duas mulheres mais jovens e com cabelos escuros, num apartamento ricamente decorado na rua Polyanka, em Moscovo. O homem no vídeo, apesar de difícil de identificar, aparenta ser Yuri Skuratov, o poderoso procurador-geral da Rússia.

* In Bertolt Brecht, *Teatro 3* (trad. de Jorge Silva Melo e José Maria Vieira Mendes), Lisboa, Cotovia, 2005, p. 188. [N. do Ed.]

A emissão tardia foi o culminar de uma luta épica pelo poder entre Skuratov e o Kremlin. Seis meses antes, o procurador-geral havia aberto uma investigação sobre alegadas ilegalidades graves por parte da filha do presidente Yeltsin e de dois dos seus vice-primeiros-ministros. Em finais de 1998, Skuratov moveu um processo contra a administração Yeltsin, alegando que um dos seus mais importantes funcionários havia recebido cerca de 60 milhões em subornos para a obtenção de lucrativos contratos de construção, que incluíam renovações no Kremlin.

À medida que se iam avolumando as provas de corrupção, o Serviço Federal de Segurança (FSB^{*}), a mais poderosa agência de informações^{**} russa, interveio, entregando, em janeiro de 1999, um vídeo ao chefe de gabinete do presidente, Nikolay Bordyuzha, um antigo oficial do KGB. Alguns dias mais tarde, Skuratov foi chamado ao Kremlin e o chefe de gabinete mostrou-lhe o vídeo de má qualidade, deixou implícito que poderia vir a público e pediu-lhe que se demitisse. Ainda que suspeitasse seriamente que o vídeo pudesse ser falso, o procurador acedeu a demitir-se¹.

Mas, depois, Skuratov mudou de ideias, regressou ao trabalho e decidiu reagir, especialmente por ser pouco claro que o homem nu fosse mesmo ele. Ele sabia que a sua demissão precisava de ser ratificada pela Câmara Alta do Parlamento. Naquele tempo, o parlamento russo era um órgão independente e não um mero apêndice do Kremlin. Os deputados pediram ao procurador que depusesse acerca da corrupção no círculo mais próximo de Yeltsin.

Na noite anterior ao aparecimento de Skuratov diante do Parlamento russo, o famoso vídeo foi novamente emitido na RTR. O procurador recusou demitir-se e a Câmara Alta do Parlamento apoiou-o. E, por conseguinte, a RTR resolveu exibir mais uma vez o vídeo, desta feita num programa da responsabilidade do notável e popular facínora mediático Sergei Dorenko, que anunciou que o comportamento de Skuratov tornaria mais difícil aos pais russos educar os seus filhos de modo patriótico. «Afinal, este era o

^{*} Foi mantida a sigla original russa, por estar consagrada. [N. do T.]

^{**} «Agência de informações» usada aqui na aceção de «serviço secreto». [N. do T.]

procurador-geral, não Mick Jagger, que pode correr pela praia de rabo ao léu», exclamou Dorenko².

O envolvimento de agentes secretos na campanha caluniosa foi revelado quando foi publicada uma fotografia de um destacado funcionário do FSB a entregar o vídeo nos escritórios da RTR em Moscovo. Pouco depois, a 7 de abril de 1999, esse misterioso funcionário do FSB deu uma surpreendente e pouco habitual conferência de imprensa: «A avaliação inicial da cassete de vídeo indica que é genuína», afirmou o espião, com voz e rosto inexpressivos. «O homem parecido com Skuratov é de facto Skuratov. Ele deve demitir-se e terá de haver um inquérito mais robusto acerca deste caso.» O destacado funcionário do FSB era Vladimir Putin.

Putin anunciou a seguir que Skuratov estava sob investigação criminal por parte do seu próprio gabinete. No dia seguinte, Yeltsin assinou um decreto a suspender o procurador até à conclusão do inquérito. As linhas telefónicas de Skuratov foram cortadas, o seu escritório foi selado, os seus guarda-costas foram substituídos e foi-lhe vedado o acesso ao antigo local de trabalho e a qualquer edifício governamental³.

A luta pelo poder entre Putin – apoiado pelo Kremlin – e Skuratov continuou durante vários meses até à relutante demissão do procurador. O envolvimento das duas jovens prostitutas pôs indubitavelmente cobro à carreira de Skuratov – mas ninguém sabia quem lhes tinha pagado. Uma das raparigas afirmou que ela e uma colega cobravam 500 dólares por sessão sexual e que haviam ganhado 50 000 dólares nos meses anteriores com serviços prestados ao procurador.

O uso feito por Putin deste vídeo grosseiro de *Kompromat* redundou na sua ascensão ao poder. Como consequência da saída de Skuratov, o principal rival de Putin para a presidência – Yevgeny Primakov – ficou fortemente comprometido, uma vez que havia sido o principal patrono político do procurador. Primakov fora repetida e abertamente apresentado por Yeltsin como seu sucessor, e estava agora comprometido pela sua ligação ao homem no vídeo sexual. Putin havia protegido Yeltsin, que o recompensou generosamente com o apoio à sua candidatura presidencial. E quando

chegou ao Kremlin, Putin mostrou a sua gratidão ao atribuir imunidade perante acusações criminais a todos os membros da família de Yeltsin⁴. Mas se não tivesse sido a armadilha e o vídeo, Putin poderia não ter chegado a presidente da Rússia.

A calúnia a Skuratov era uma tática clássica do FSB, herdada do seu antecessor, o KGB. O vídeo havia sido gravado quase um ano antes de ser mostrado ao procurador e meses antes de ele ter dado início à sua investigação à corrupção. Fora guardado para ser usado como chantagem num momento oportuno, através da ameaça da sua divulgação ao público. Além disso, veio a saber-se que as prostitutas haviam sido contratadas por terceiros. E, por conseguinte, o *Komprobat* do FSB era uma espécie de arrastão, a reunir tudo o que lhe aparecesse por diante, só para o caso de o peixe apanhado na rede poder dar azo a qualquer conteúdo incriminatório para um alvo potencial⁵. Isto não pode ser descartado como um incidente isolado, uma vez que representou a mais importante das armas secretas contra o Ocidente nos cem anos anteriores, podendo ser resumido por uma palavra russa – «*zapachkat*», que significa «manchar» ou «sujar alguém», e tem sido um fator essencial na defesa dos interesses e da política externa da Rússia até à guerra da Ucrânia em 2022.

Para Putin, então diretor do FSB, o *zapachkat* e as operações encobertas para desestabilizar o Ocidente têm sido componentes-chave da sua política externa. Afinal, ele havia sido um agente do KGB entre 1975 e 1991, e estava bem ciente do poder dos serviços de segurança. «O que me deixou mais espantado foi ver como o esforço de um homem podia alcançar o que exércitos inteiros não conseguiam», afirmou mais tarde Putin. «Um espião podia decidir o destino de milhares de pessoas.»⁶ Ele bem podia estar a citar Sun Tzu (muitas vezes referido por antigos agentes do KGB como inspiração), o autor d'*A Arte da Guerra*: «O líder habilidoso submete os inimigos sem qualquer luta. Ele derruba-lhes os reinos sem demoradas operações no terreno.»⁷

Putin havia entrado para o KGB após ter lido romances de espionagem acerca dos sucessos heroicos dos serviços secretos russos contra os nazis durante a Segunda Guerra Mundial e ter visto

filmes como *The Sword and the Shield* («A Espada e o Escudo»), um título inspirado no emblema do serviço secreto. O discreto Putin tinha o perfil perfeito para espião. O seu primeiro destacamento foi em São Petersburgo, onde, de acordo com o antigo agente do KGB, Oleg Kalugin, durante nove anos ele «assediou dissidentes e cidadãos comuns, e perseguiu espiões de forma inconsequente»⁸. Em 1985, Putin foi transferido para Dresden, na Alemanha de Leste, onde prestou serviço na Primeira Direção Principal (informações externas). Recorrendo a um disfarce como tradutor, ele recrutou informadores, obteve informações e enviou relatórios para Moscovo. Muito do seu trabalho envolvia papelada mundana, mas ele supervisionou efetivamente espiões soviéticos ilegais a trabalhar sem proteção diplomática⁹. Foi possível vislumbrar a personalidade pedante e ascética de Putin quando visitou cervejeiras na Alemanha de Leste. «Eu pedia barris de três litros», recordou ele. «Deita-se a cerveja no barril, crava-se uma torneira e bebe-se diretamente dela. Portanto eu bebia 3,8 litros de cerveja todas as semanas. E o meu trabalho era a dois passos de casa, portanto não queimava as calorias adicionais.» Mas ele é recordado como um negociador duro e incansável. O objetivo, recordou Putin, era descobrir informação acerca do «adversário principal» (a NATO)¹⁰. «O que eu estava a fazer, aquilo que era a minha especialidade, era a recolha de informações políticas», afirmou. «Estava envolvido e fiz investigação em política internacional, e nunca me arrependi de trabalhar com o departamento de informações externas da União Soviética.»¹¹

Oleg Kalugin e o antigo chefe da Stasi, Markus Wolf, desvalorizam a carreira de Putin na recolha de informações e sustentam que as suas atividades de espionagem se limitaram a avaliar relatórios sem importância acerca de visitantes estrangeiros, redigidos por informadores. O seu trabalho pode bem ter sido entediante, mas a sua carreira no KGB influenciou as suas ideias em relação ao Ocidente e ao uso de informações secretas. «Há alguns anos sucumbimos à ilusão de que não temos inimigos e pagámos bem caro por isso», disse ele mais tarde ao FSB¹². Mas há um subtexto intrigante no que respeita à sua carreira no mundo secreto. Catherine Belton, autora do reputado *Os Homens de Putin*, defende que Putin

desvalorizou intencionalmente o seu papel no encobrimento de operações mais sinistras. Ela documentou como o presidente russo esteve envolvido na coordenação do apoio à Fração do Exército Vermelho, organização de terrorismo de esquerda, cujos membros se escondiam frequentemente na Alemanha de Leste¹³.

Na qualidade de tenente-coronel do KGB, era esperado que Putin passasse 25 por cento do seu tempo a conceber e implementar o que o KGB designava por «medidas ativas» – a guerra política como ferramenta de política externa. Isto envolveu operações secretas para influenciar e desestabilizar a NATO, especialmente os EUA e o Reino Unido, através do recurso à desinformação, à falsificação, ao pagamento a agentes de influência, a armadilhas sexuais, à publicação encoberta de histórias na comunicação social e à montagem de organizações de fachada.

O colapso da União Soviética e a queda do muro de Berlim em 1989 deixaram Putin desolado. Os seus últimos dias em Dresden infundiram uma impressão duradoura no jovem espião. A 5 de dezembro de 1989, uma multidão de manifestantes cercou a sede local do KGB, e Putin confrontou os manifestantes. «Não tentem forçar a entrada nesta propriedade», disse-lhes. «Os meus camaradas e eu estamos armados e autorizados a usar as armas em caso de emergência.» O grupo desmobilizou, mas um Putin abalado telefonou para o quartel de uma divisão de blindados do Exército Vermelho para solicitar proteção. A resposta foi um choque que lhe mudou a vida: «Não podemos fazer nada sem ordens de Moscovo, e Moscovo está em silêncio.»¹⁴

Baralhado, Putin passou os últimos dias da Guerra Fria a destruir documentos. «Queimei pessoalmente uma enorme quantidade de material», recordou. «Queimámos tanta coisa que a incineradora deu de si. Queimámos artigos dia e noite. Todos os artigos mais valiosos foram levados para Moscovo.» Multidões manifestavam-se à porta da delegação do KGB. «Essas multidões eram uma ameaça séria», recordou Putin. «Tínhamos documentos no edifício. E ninguém ergueu um dedo para nos proteger... fiquei com a sensação de que o país já não existia.»¹⁵ A frase «Moscovo está em silêncio» assombrou Putin nas décadas seguintes. As elites políticas podiam

ser suplantadas. Os regimes podiam ser derrubados. A segurança do Estado podia ser desmantelada.

Ao chegar ao Kremlin no final de 1999 como presidente provisório, a seguir à demissão de Yeltsin, Putin restaurou sistematicamente o KGB para controlar todos os cordelinhos do poder político e financeiro. Alguns dias depois de ascender à presidência, visitou a sede do KGB e dirigiu-se a 300 agentes secretos. «Um grupo de operacionais do FSB, enviados sob disfarce para trabalhar no governo da Federação Russa, está a cumprir a sua tarefa com êxito», gracejou. «A instrução número um para a obtenção do poder absoluto [pelo KGB] foi concluída.»¹⁶ Mas a realidade era bastante séria. Ele não demorou a instalar veteranos do KGB em todas as áreas da vida russa. Conhecidos por «*siloviki*» (tipos do poder), eles controlaram os ministérios-chave, as agências policiais e as empresas estatais. Um relatório de 2006 concluiu que 78 por cento da elite russa tinha ligações aos serviços secretos¹⁷. Essas pessoas representavam um grupo psicologicamente homogêneo, ultraleal a raízes que recuavam à polícia política soviética. Putin havia criado um Estado neo-KGB e articulava essa realidade seis meses depois de se haver tornado presidente, quando lhe fizeram perguntas sobre um antigo agente do KGB. «Não existe tal coisa, um antigo agente do KGB», respondeu.

O uso de medidas ativas por parte de espões russos foi também renovado como arma insidiosa de política externa, com destaque para a Ucrânia em 2014 e 2022. Putin não encara a guerra e a política como esferas separadas. Ele rejeita a noção ocidental de que o mundo flutua entre conflitos e paz. Em vez disso, adere à visão do general Von Clausewitz (incidentalmente, muito lido por agentes do KGB) segundo a qual a guerra é simplesmente uma continuação da política por outros meios – por vezes militares, como a invasão da Ucrânia, mas habitualmente operações clandestinas de recolha de informação contra adversários. As medidas ativas, contudo, são mais pervasivas do que a mera propaganda. Para o KGB e para o FSB, a guerra política envolve o financiamento dissimulado de políticos, a desinformação e o recrutamento de agentes.

O objetivo é exercer influência de todas as formas possíveis, de modo a obter favorecimento, negociar desfechos militares e diplomáticos e manipular a opinião pública. E depois há os truques sujos – documentos falsificados, fotografias manipuladas, vídeos desfocados de encontros com prostitutas contratadas pelos serviços secretos, drogas convenientemente plantadas, assassinios, calúnias usando técnicas de propaganda negra por intermédio de grupos de fachada e chantagem.

Mas o *Kompromat* contém uma dimensão adicional: nem sempre é usado e é em vez disso agitado diante de um funcionário, que irá então enfrentar uma incerteza permanente quanto ao seu estatuto – receoso de que tal informação possa ser usada para pôr em causa o seu cargo, mesmo que seja falsa. «Se toda a gente vir um potencial campo minado por todo o lado, isso faz aumentar e de que maneira o preço a pagar para quem sair da linha», afirmou a académica russa Alena Ledeneva. «É o medo que gera a vulnerabilidade e a disposição para trabalhar para um Estado hostil como a Rússia e o ponto a que esta chegará.»¹⁸

Tais táticas nocivas não são relíquias da Guerra Fria, mas estão vivas e a florescer na Rússia de Putin. São possibilitadas e ampliadas pela tecnologia e estão adaptadas a um mundo globalizado. As suas encarnações modernas são muito mais assustadoras, possuem maior alcance, velocidade e impacto graças à Internet, e são, por conseguinte, capazes de influenciar a opinião popular e a das elites a uma escala espantosa¹⁹. Como observou Edward Lucas, perito em informações secretas e escritor: «Os mestres de espionagem russa estão atualmente a usar contra nós não apenas as ferramentas antigas, mas também novas com as quais os seus antecessores da era soviética apenas poderiam sonhar.»²⁰

Hoje o KGB já não existe, mas o seu legado sobrevive operacionalmente no FSB e no GRU, a agência de informações militares da Rússia e sucessora do KGB. A única diferença que realmente existe é a tecnologia que potencia esta metodologia. A sombra do passado do KGB não só paira, como assombra – assassinio de dissidentes à ordem do Estado (Alexander Litvinenko), perseguição de dissidentes (Alexei Navalny), desinformação (redes sociais), armadilhas

sexuais (Anna Chapman), vigilância secreta ilegal (*e-mails* pirateados) e subversão da democracia (as eleições americanas de 2016). A Rússia pode já não ser um regime comunista, mas continua a ser uma superpotência autoritária governada por um antigo espião do KGB que se faz rodear por antigos agentes do KGB determinados a restaurar a União Soviética e a enriquecer com os seus recursos de petróleo e gás.

As agências de informação ocidentais também implementaram algumas dessas medidas. Durante a Guerra Fria, a CIA envolveu-se ativamente em mudanças de regime e na organização de golpes de Estado, com destaque para o Irão em 1953, a Guatemala em 1954, Cuba em 1961 e o Chile em 1973. Os espões da América também possuíam e financiavam em segredo agências noticiosas por todo o mundo, recrutando jornalistas como agentes de influência. E a Rádio Europa Livre, uma estação financiada pela CIA, divulgava frequentemente desinformação na Europa de Leste. Mas os piores excessos da América na guerra política acabavam por ser limitados pelo sistema de pesos e contrapesos imposto pelo seu regime legal e político. As agências soviéticas não tinham de se debater com esse tipo de intervenção indesejada e problemática. «O problema é que não lhes podemos fazer a eles [à Rússia] o que eles nos fazem a nós», observou o presidente da Estónia, Toomas Hendrik Ilves, depois de o seu país haver sofrido um ciberataque por parte da Rússia em 2007. «Não podemos perturbar as eleições deles, especialmente porque já estão decididas de antemão.»²¹

Esta inexistência de responsabilidade perante terceiros – especialmente na Rússia de Putin – tem permitido ao KGB e ao FSB implementar todo o tipo de medidas ativas dissimuladas e influenciar operações sem qualquer receio de repercussões. A nível oficial, o FSB – tal como o seu antecessor, o KGB – é um Estado dentro do Estado, imune a qualquer responsabilização, e por isso pode fazer o que bem entender. Agora converteu-se no Estado. No seu livro sobre o Estado secreto russo, *The New Nobility* («A Nova Nobreza»), Andrei Soldatov e Irina Borogan comparam o FSB à polícia religiosa Mukhabarat da Arábia Saudita – impenetrável, implacável e brutal: «A burocracia dos serviços de informações considera-se acima de qualquer crítica,

imune às exigências da democracia.»²² E neste sistema, a *zapachkat* na Rússia e no estrangeiro é crucial e encorajada. É a arma através da qual são exercidos o poder e a influência.

Durante a Guerra Fria, o KGB foi utilizado como um instrumento impiedoso desse poder e não como uma mera agência de recolha de informações. As operações secretas selecionadas neste livro revelam a mão oculta das relações da Rússia com o Ocidente: o uso de espionagem e manipulação de opiniões, para obtenção de influência e no limite para obtenção de poder militar e político, que ainda se faz sentir, e de que maneira, no século XXI.

Guerra Política

A guerra política – o uso de operações secretas para influenciar e subverter acontecimentos em países estrangeiros – tem sido um instrumento de política externa desde há séculos. Na *Arte da Guerra*, Sun Tzu, que escreveu no século V a. C., destacou a importância de se minar a vontade do inimigo com recurso a agentes secretos que possam «abrir brechas entre o soberano e os seus ministros» e «permitir fugas de informação falsa»²³. E o antigo tratado indiano *Artha-shastra* providencia conselhos detalhados sobre como destruir o moral dos inimigos políticos, espalhando boatos falsos e participando na intriga política²⁴.

Na Rússia, o uso impiedoso de uma força de polícia secreta era parte integral da cultura política ditatorial. «Desde o seu primeiríssimo instante enquanto Estado, ela [a Rússia] teve de respirar a atmosfera do despotismo; não encontrou nada além da vontade arbitrária de um autocrata obscuro no início e no fim da sua organização», escreveu Joseph Conrad no seu ensaio «Autocracia e Guerra». «A autocracia moldou as suas instituições e com o veneno da escravidão anestesiou o temperamento nacional até à apatia de um fatalismo sem esperança.»²⁵

As raízes do KGB podem ser encontradas na força de polícia secreta do czar no século XVI, confidenciou a agentes secretos Dick White, o antigo chefe tanto do MI5 como do MI6, durante a

Guerra Fria²⁶. Conhecida como *Oprichniki* («a coisa à parte»), foi estabelecida por Ivan, *o Terrível*, o primeiro czar da Rússia, como instrumento para exercer o seu governo autocrático em algumas áreas mais abastadas e para detetar subversões. Tal como na Rússia de Estaline, a maior parte das traições que descobriu apenas existiam na mente da *Oprichniki* e do seu governante. As suas vítimas incluíram cidades inteiras. O próprio Ivan oscilou entre períodos de sadismo e de oração e arrependimento, e depois de um reinado de terror de sete anos, a *Oprichniki* foi desmantelada²⁷.

A força de polícia política que se seguiu foi a Preobrazhensky Prikaz de Pedro, *o Grande*, estabelecida no final do século xvii. Nas suas salas de tortura pereceram desde nobres que haviam tentado escapar ao serviço estatal até bêbados que se haviam atrevido a fazer gracejos sobre o czar. Pedro, *o Grande*, é recordado como modernizador e pioneiro do Estado russo, mas ele usou a sua agência de espões como arma de uma crueldade intimidante. Apesar disso, ele é hoje em dia reverenciado, até por Putin, que instalou uma enorme estátua de bronze do czar visionário na secretária cerimonial no seu gabinete. «Ele irá viver, enquanto a sua causa permanecer viva», declarou o presidente russo²⁸. E durante a Guerra da Ucrânia, Putin comparou-se a Pedro, *o Grande*, igualando a invasão da Rússia às guerras expansionistas do czar.

No final das guerras napoleónicas, em 1826, foi formada uma nova agência. Conhecida por «Terceira Secção», procurou distanciar-se das suas antecessoras e referia-se pomposamente a si mesma como «o médico moral» da nação. Em vez disso, a Terceira Secção tinha como incumbência acompanhar e esmagar a dissidência política e atuava a par de milhares de agentes de polícia e de informadores pagos. Os seus relatórios de vigilância sobre cidadãos russos eram depois entregues ao regime czarista. «A opinião pública é para o governo o mesmo que uma carta topográfica para o comando do exército em tempo de guerra», declarou o conde Alexander von Benckendorff da Terceira Secção²⁹.

Ao longo do século xix, a atividade política foi criminalizada, e, em 1845, o czar Nicolau emitiu uma lei que estabelecia penas draconianas para todas as «pessoas culpadas... que promovam o

desrespeito pela Autoridade Soberana». Os dissidentes foram deportados em caravanas de marcha para um implacável exílio gelado na Sibéria, com base em investigações da Terceira Secção. Muitos foram violados, traficados e açoitados, ou morreram de malnutrição. Mas depois do esfaqueamento fatal do chefe da Terceira Secção em 1878, foi instituído um novo aparelho de segurança do Estado chamado Okhrana, para erradicar a atividade política. Os adversários do czar foram executados, e os agentes da Okhrana receberam poderes para aprisionar e exilar suspeitos por iniciativa própria. A Okhrana era uma lei em si mesma. Uma elite dentro de uma elite. «Todos os países têm a sua própria Constituição», observou à época um russo destacado ao diplomata alemão George Munster. «A nossa é o absolutismo, moderado pelo assassinio.»³⁰

Em 1908, Lenine havia desenvolvido redes clandestinas, que procuravam derrubar o absolutismo do czar através da organização de operários num movimento de massas que fosse demasiado populoso para a repressão pela Okhrana. Mas os agentes secretos do czar continuaram a infiltrar-se nos grupos revolucionários, a fazer relatórios sobre os seus planos e a enviar material secreto. A sua agência externa – com base em Paris – mantinha os insurretos bolcheviques sob uma vigilância transeuropeia, especialmente com recurso ao suborno de porteiros de hotéis. Para contrariar os informadores bem pagos da Okhrana, os insurretos organizaram reuniões clandestinas e adotaram a escrita de cartas secretas que eram cosidas nos forros das roupas, mas só nas de linho, porque essas não faziam ruído caso um mensageiro fosse revistado³¹.

O derrube da autocracia czarista em 1917 foi alcançado graças ao descontentamento e à brutalidade dos camponeses. «Como se pode fazer uma revolução sem pelotões de fuzilamento?», perguntou Lenine na época. «Acreditam mesmo que podemos ser vitoriosos sem o mais cruel dos terrores revolucionários?»³² Não tardou a instituir os «Tribunais Populares», que eram julgamentos feitos pela turba e nos quais juízes quase analfabetos emitiam sentenças com base na «justiça revolucionária». Mas a tomada do poder pelos bolcheviques também dependeu de propaganda, técnicas de influência política e operações secretas. «Temos de estar dispostos a

usar truques, logros, a violação da lei e a retenção e ocultação da verdade», declarou Lenine. «Não há moral na política. Há apenas conveniência.»³³

A primeira agência de espionagem dos bolcheviques foi formada a 20 de dezembro de 1917, com a missão ostensiva de defender a revolução contra os seus inimigos. Conhecida como Tcheka, lançou mão de agentes provocadores para identificar potenciais adversários políticos. Mas os seus métodos iam além da recolha de informação. Na realidade, era uma organização terrorista empenhada no extermínio de todos os adversários dos comunistas.

A Tcheka recebeu de Lenine a autoridade para executar ou sentenciar suspeitos à vontade. Ele enviou telegramas aos agentes ordenando-lhes que empregassem «terror em massa» contra «vermes burgueses»³⁴. E assim eles liquidaram, torturaram e exilaram aqueles que designaram por contrarrevolucionários e conspiradores, os quais eram inevitavelmente acusados de ser agentes estrangeiros. Como declarou em 1918 Felix Dzerzhinsky, o fundador da Tcheka: «Defendemos o terror organizado... a Tcheka não é um tribunal... a Tcheka está obrigada a defender a Revolução e a conquistar o inimigo, mesmo que a sua espada possa por acaso cair de quando em vez sobre as cabeças dos inocentes.»³⁵ E como escreveu o historiador Richard Davenport-Hines: «Os tchekistas da década de 1920 julgavam-se superiores aos escrúpulos burgueses sobre culpa e inocência ou verdade e mentira.»³⁶

A Tcheka também estabeleceu o Departamento Político Secreto para vigilância da população e uma unidade externa para recolher informação sobre inimigos políticos e para desacreditar os exilados anticomunistas, usando agentes secretos, com destaque para Paris e Viena. «Não há esfera da nossa vida na qual a Tcheka não tenha o seu olho de águia», afirmou um líder tchekista em novembro de 1918³⁷. As atrocidades perpetradas pela nova polícia secreta incluíam execuções em massa. Mas a Tcheka foi louvada pela liderança soviética. «Cada bolchevique deveria fazer de si um tchekista», afirmou Lenine. «A Tcheka é indispensável.»³⁸ Com efeito, cada comunista recebia um mandado para espiar, falsificar documentos e matar.

Para os espões russos, a Tcheka representava um distintivo de honra, não de vergonha. Os seus emblemas de um escudo para defender a revolução e uma espada para atingir os inimigos viriam mais tarde a ser usados na insígnia da sua consumada agência sucessora, o KGB. E até à dissolução do KGB em 1991, muitos dos seus agentes, Putin incluído, gabavam-se da sua herança tchekista. De facto, Putin muitas vezes comemorou o dia 20 de dezembro como «o dia da Tcheka» após ter ascendido à presidência. «A história dos serviços de segurança é rica em feitos destacados e em nomes lendários», declarou. «Na Rússia, respeitamos todas as gerações daqueles que têm protegido o nosso país de ameaças internas e externas. Curvamo-nos perante o heroísmo e resiliência dos nossos veteranos.»³⁹

Em 1923, a Tcheka foi reconstituída como OGPU, e quem visitasse Moscovo dava de caras com uma enorme estrela vermelha e um *placard* no exterior da Ópera, instando os cidadãos a «reforçar a espada da ditadura do proletariado – a OGPU». A sua missão era «perturbar os planos contrarrevolucionários e as atividades da oposição» determinando o quanto o inimigo sabia acerca da União Soviética, criando e passando informação e documentos falsos, e espalhando essa informação na imprensa de diversos países⁴⁰.

A União Soviética acreditava que as agências de informação ocidentais estavam envolvidas numa conspiração labiríntica muito profunda para derrubar o novo regime. Estaline estava convicto de que o seu principal instigador era «a burguesia inglesa e o seu bastão de combate, o Partido Conservador»⁴¹. E foram por isso enviados agentes soviéticos para Londres em 1920, com o objetivo de estabelecer uma organização de fachada, a Sociedade Cooperativa de Toda a Rússia (ARCOS), com sede no número 49 da rua Moor-gate, no coração da City londrina. Aparentemente era a missão comercial soviética oficial. Mas o MI5 não tardou a descobrir que a ARCOS agia como um veículo secreto para propaganda soviética, para espionagem e subversão contra a Grã-Bretanha.

Em março de 1927, um manual secreto do British Signal Training na base militar de Aldershot havia sido copiado na sede da ARCOS – um ato evidente de espionagem contra as forças armadas. O MI5 consultou o primeiro-ministro, Stanley Baldwin, que autorizou

prontamente a ação. E, assim, a 12 de maio de 1927, várias centenas de polícias e agentes do Special Branch fizeram uma rusga nas instalações da ARCOS na «Casa Soviética». Foi uma operação desastrosa: os polícias trapalhões empunharam armas e ordenaram aos funcionários que esvaziassem bolsos e carteiras, enquanto os empregados da ARCOS incineravam apressadamente documentos secretos na cave. Ninguém estava à frente da ação e uma falta de falantes de russo impediu a polícia de traduzir os documentos de forma a descobrir provas comprometedoras. Mas conseguiram ainda assim recolher vários camións de ficheiros e cofres.

A rusga provou que os delegados comerciais soviéticos eram na verdade espões. Foi a primeira indicação de que havia sido montada uma rede de espionagem em Londres, e um pré-aviso da Guerra Fria. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Austen Chamberlain, informou o encarregado de negócios soviético na embaixada que a Grã-Bretanha iria romper relações diplomáticas devido à «espionagem e propaganda antibritânica» de Moscovo. Chamberlain citou um telegrama para Moscovo que fora interceptado, «no qual pedem material que vos possibilite apoiar uma campanha política contra o governo de Sua Majestade»⁴².

Uma consequência da rusga à ARCOS foi que a espionagem soviética passou de usar residentes legais com base na sua embaixada na Grã-Bretanha para um maior uso de agentes ilegais que não possuíam ligação oficial à delegação diplomática. Os ilegais eram comunistas dedicados que haviam sido recrutados pelo NKVD, a mais recente encarnação da agência de espionagem soviética, por serem inteligentes, empenhados, sofisticados e implacáveis. Estavam também preparados para agir de modo clandestino e integrar-se na sociedade londrina e no meio político estabelecido.

O mais notório dos agentes «ilegais» soviéticos foi Alexander Orlov, que obteve um passaporte americano em nome de William Goldin e agiu como membro de «delegações comerciais» por toda a Europa na década de 1930. Em Londres, o disfarce de Orlov passava por gerir a American Refrigerator Company Ltd, montada com fundos do NKVD (110 libras em despesas operacionais). Com base na Imperial House, no número 84 de Regent Street, a empresa

estava alojada no andar acima da filial londrina do Hollywood's Central Casting Bureau e da Duckerfield School of Dancing. À superfície, Orlov vendia frigoríficos e vivia uma vida cosmopolita a partir da sua casa no número 41 de Beaufort Gardens, em Knightsbridge. Viajava de um lado para o outro a fazer trabalho de mensageiro, e chegou mesmo a colocar anúncios para a empresa no *Daily Telegraph*. Mas na realidade ele geria os espões soviéticos na Grã-Bretanha e recrutava ativamente novos agentes. A sua mulher Maria era também uma agente do NKVD, agindo a coberto de um passaporte austríaco forjado.

Orlov adotou sotaques estrangeiros, manteve uma rotina regular nas horas de expediente e distribuiu cartões de visita (o seu número de telefone era Regent 2574) para evitar as suspeitas. Mas uma noite, em setembro de 1935, o seu disfarce foi descoberto quando deu de caras com o seu antigo professor de Inglês em Viena, que o conhecia pelo nome verdadeiro. Nessa altura, ele era um dos poucos agentes russos que sabia do recrutamento de Kim Philby, Guy Burgess e Anthony Blunt. A 10 de outubro, Orlov recebeu ordem de regresso a Moscovo e no dia seguinte demitiu-se da empresa de frigoríficos e passou todas as suas ações para um tal de Herbert Kearon. Curiosamente, a empresa não encerrou portas até 1941. Mas a rede de espões de Orlov em Londres havia-se revelado uma premonição de operações futuras.

A Guerra Fria

No final da Segunda Guerra Mundial, Estaline não só andava ressentido e desconfiado como se sentia ameaçado pelo que via como a crescente esfera de influência americana e britânica. O constantemente paranoico Estaline acreditava que essa aliança podia, se não fosse contrariada, infringir a soberania do seu país e negar-lhe acesso aos recursos de que precisava para reconstruir a economia soviética e cumprir o seu destino como grande potência no mundo do pós-guerra⁴³.

Esse medo orientou a política externa soviética, e as agências de espionagem foram usadas como armas para contrariar a ameaça. Sentado no seu gabinete na embaixada britânica em Moscou, *sir* Frank Roberts, diplomata britânico na Rússia e conselheiro de Winston Churchill durante a conferência de Yalta, tentou avaliar as intenções soviéticas no pós-guerra. «O Kremlin segue agora uma política nacional russa que não difere senão em grau daquela que foi seguida no passado por Ivan, *o Terrível*, Pedro, *o Grande*, ou Catarina, *a Grande*», argumentou *sir* Frank em setembro de 1946⁴⁴.

A nova tensão soviético-ocidental foi muito bem articulada por George Orwell ao descrever o impacto da bomba atômica em outubro de 1945. Com efeito, ele foi a primeira pessoa a usar o termo «Guerra Fria»:

Olhando para o mundo como um todo, a deriva tem sido nos últimos anos não no sentido da anarquia, mas sim rumo à reimposição da escravatura. Podemos encaminhar-nos não para o colapso generalizado mas sim para uma época tão horripelantemente estável como os impérios escravocratas da Antiguidade... pouca gente considerou já as implicações ideológicas – o tipo de mundivisão, crenças e estrutura social que provavelmente prevaleceriam num Estado que fosse simultaneamente incontestável e estivesse em permanente estado de «guerra fria» com os seus vizinhos.⁴⁵

Nos primeiros anos do pós-guerra, as atitudes soviéticas foram ainda mais endurecidas por iniciativas americanas para estabilizar a Europa Ocidental, tais como a Doutrina Truman em 1947 e o Plano Marshall em 1948. Os soviéticos encararam ambas as iniciativas como perigos para o seu domínio de influência e como um golpe de propaganda ocidental. A sua resposta passou por estabelecer o Gabinete de Informação Comunista no final desse ano, uma aberta declaração de guerra ideológica aos EUA e ao Reino Unido. Foi a primeira salva daquilo que os soviéticos designaram por «medidas ativas» – a desinformação e a circulação de propaganda soviética em línguas ocidentais. O Reino Unido respondeu ao estabelecer o igualmente secreto Information Research Department

(Departamento de Pesquisa e Informação), uma unidade no seio do Ministério dos Negócios Estrangeiros com forte ligação ao MI6, cujo propósito era contrariar a desinformação. A guerra da informação havia começado.

Os soviéticos intensificaram e alargaram as suas operações clandestinas no estrangeiro como parte da Guerra Fria, e a 13 de março de 1954 nasceu o KGB. Esta nova agência absorveu as funções tradicionais da polícia política, assediando dissidentes e contrarrevolucionários e guardando as fronteiras. As famílias viviam receosas de informadores, o pensamento independente foi banido e o Estado era todo-poderoso. Como Estaline disse ao embaixador britânico em Moscovo, *sir* Maurice Peterson: «Não há indivíduos particulares neste país.»⁴⁶

O novo e todo-poderoso KGB ficou também responsável por todas as missões secretas no estrangeiro (com exceção do GRU, que recolhia informações militares). A nova força de polícia política tornou-se uma lei em si mesma nas suas operações clandestinas – eufemisticamente designadas por «medidas pró-ativas» – contra «O Adversário Principal» (os EUA e o Reino Unido). Mas mantinha-se inextricavelmente ligado e subserviente ao Partido Comunista e ao Politburo. «O Partido [Comunista] era o patrão. O KGB era o criado, especialmente nas relações externas», disse o antigo agente do KGB, Oleg Gordievsky, aos seus inquiridores do MI6, após ter desertado para o Reino Unido⁴⁷. Isto foi confirmado nada mais nada menos do que pelo próprio Vladimir Putin. «Se por qualquer motivo uma pessoa abandonasse o Partido Comunista, era imediatamente demitida do KGB», afirmou⁴⁸.

Durante a Guerra Fria, as operações secretas eram a principal arma da política externa soviética, e ainda assim o espirituoso presidente Khrushchev teve a ousadia de negar que o seu país praticava espionagem. «A espionagem é necessária para quem se prepara para atacar, para a agressão», escreveu ele numa carta ao Partido Comunista Japonês em 1962. «A União Soviética está fortemente dedicada à causa da paz e não pretende atacar ninguém. Por conseguinte, não tem qualquer intenção de se envolver em espionagem.»⁴⁹ Até mesmo o mais sério dos agentes do KGB deve ter-se debatido com

o riso ao ouvir esta declaração, pois a União Soviética havia praticado a arte da espionagem mais agressiva e ativamente do que qualquer outra nação nos cem anos anteriores, numa escala inimaginável. Essa temeridade foi articulada em 1957, quando *sir* Patrick Reilly, então embaixador britânico em Moscou e antigo conselheiro do chefe do MI6, *sir* Stewart Menzies, perguntou a Vasily Kuznetsov, o ministro-adjunto: «Não compreendo. De que é que vocês têm medo?»

Ele respondeu: «Medo? Não temos medo de nada.»⁵⁰

Contrastando com a relação moralmente ambivalente do Ocidente com as suas agências de espionagem, os agentes do KGB foram sempre encarados na Rússia como figuras heroicas, a trabalhar abnegadamente em prol da Pátria contra os inimigos estrangeiros. «Como muitos dos meus pares, devorei as obras de Arkady Gaidar, que escreveu uma série do que que poderia bem ser descrita como uma coleção dos Hardy Boys em versão comunista», recordou Oleg Kalugin. «Eram contos superpatrióticos, cheios de personagens jovens a cometer atos corajosos e nobres para o bem da pátria. Foram os livros de Gaidar que plantaram na minha cabeça a ideia de vir a ser um agente do KGB. Um livro, *The Military Secret*, incluía um rapaz que morria a proteger informação secreta das mãos dos inimigos do comunismo. Outro, *The Fate of the Drummer*, contava como um rapaz descobria um bando de espões e era por eles abatido.»⁵¹

Também nos televisores se martelava a tecla emocional do patriotismo. No início da década de 1970, os telespectadores russos assistiram às façanhas do seu mais conhecido espião fictício, Max Otto von Stierlitz (para o chamarmos pela sua identidade alemã forjada). A sua missão em tempo de guerra passava por infiltrar-se no Alto Comando alemão. Mas, ao contrário de James Bond, Stierlitz mantinha-se afastado de armas, mulheres e engenhocas. Em vez disso, a sua arma secreta era a sua mente e a sua astúcia de ratazana, motivadas por um patriotismo implacável. O herói de outro filme, *Starling and Lyre* («O Estorninho e a Lira»), contrariou uma cabala ocidental para semear a discórdia entre a União Soviética e os seus aliados, e fez longos discursos acerca do complexo

militar-industrial dos EUA enquanto se dedicava a um enternecedor romance com uma espia.

Estes livros e filmes eram arrebatadores e a melhor agência de recrutamento para o KGB. Cativaram de tal maneira um adolescente durão dos becos da Leninegrado dos anos 1970 que ele foi direto do cinema ao gabinete do KGB na cidade, na Bolshoi Dom, e ofereceu os seus serviços. Mas foi dito ao jovem Putin, de dezasseis anos, que a organização não aceitava voluntários espontâneos: teria de estudar Direito e depois aguardar pelo contacto. «Quando aceitei a proposta do departamento de pessoal da Diretoria [do KGB], não pensei nas purgas [do tempo de Estaline]», recordou Putin. «A minha noção do KGB vinha de contos românticos de espões. Eu fui um produto puro e bem-sucedido da educação patriótica soviética.»⁵² Cinco anos mais tarde, o futuro presidente era um espão do KGB.

Durante a Guerra Fria, o KGB gozava de uma mística e prestígio que ainda paira sobre as agências que lhe sucederam. A Ordem de Lenine foi atribuída a dezenas de espões que eram bem pagos e gozavam de privilégios apenas presentes nos sonhos dos soviéticos comuns. «Tais privilégios conferiam inevitavelmente aos funcionários do KGB uma sensação da sua exclusividade e importância, bem como da sua superioridade sobre o resto da população», recordou o antigo agente do KGB, Ilya Dzhirkvelov, no seu livro *Secret Servant* («O Criado Secreto»). «Isto teve como efeito afastá-los psicologicamente e fisicamente do povo soviético e converteu-os numa elite.»⁵³

O estatuto do KGB também proporcionava uma vantagem crucial: viver e operar acima e fora da lei, especialmente se trabalhassem para a divisão de elite da espionagem no estrangeiro, a Primeira Direção-Geral. Noutras agências de espionagem, isso poderia ter desencadeado uma crise de fé ou de consciência. Em *O Espião Que Saiu do Frio*, o chefe dos espões, Control, atormentou-se acerca da moralidade relativa dos métodos usados pelo KGB, pela CIA e pelo MI6:

Fazemos coisas desagradáveis para que gente comum aqui e noutros lugares possa dormir descansada na sua cama durante a noite.

Será isso demasiado romântico? Claro, por vezes fazemos coisas muito maliciosas... eu diria que, desde a guerra, os nossos métodos – os nossos e os da oposição – se vieram a homogeneizar. Quero dizer, não se pode ser menos implacável do que a oposição simplesmente porque a política do nosso governo é benevolente, não é?

Le Carré nutria esperança de que o seu romance instasse os leitores a perguntar: «Durante quanto tempo poderemos defender-nos com recurso a métodos deste tipo e permanecer o tipo de sociedade que valha a pena defender?»⁵⁴

Uma tal angústia liberal nunca incomodou os mestres da espionagem comunista. Markus Wolf, o impiedosamente eficaz chefe da agência alemã oriental (a Stasi), que trabalhava diretamente com o KGB, defendeu que o comportamento repressivo e intrusivo da sua organização se justificava pela pureza das suas aspirações ideológicas. Refletiu nas suas memórias que os seus agentes poderiam quicá ter sido mais brutais. «Os nossos pecados e os nossos erros foram os de qualquer agência de espionagem. Se houve insuficiências, e certamente as houve, foram devidas ao excesso de profissionalismo, isento de moderação pela crueza da vida comum.»

A noção de que o KGB e a Stasi poderiam ter sido ainda mais perversas irá sem dúvida chocar e deixar zangadas as suas vítimas. Mas por trás desta autojustificação duvidosa encontra-se uma história mais profunda e sombria de logro, medo, manipulação, vigilância, chantagem sexual, subterfúgio político e subversão, que teve o seu início no cenário improvável de um café charmoso nas ruas cobertas de destroços de Viena.